Morin, Edgar. *O Enigma do homem: para uma nova antropologia.* Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 227p.

Quando o repúdio ao naturalismo venceu e instalou-se, o mito humanista do homem sobrenatural constituiu-se no próprio centro da antropologia (e de todas as demais ciências) e as oposições natureza-cultura, homem-animal, cultura-natureza tomaram a forma de paradigma.

Os problemas que daí surgiram exigiram manobras intelectuais ativas para solucioná-los, mas que sempre resultaram insatisfatórias, quando a lógica do argumento era confrontada com o dado empírico.

Morin desenvolve a idéia – contrária à vigente – de que não há separação fundamental entre homem e natureza. Nesta direção, não vê outra orientação teórica que a biológica. Afirma que a antropologia, a etnologia, a sociologia e a psicologia têm de encontrar sua confirmação biológica se quiserem afirmar-se cientificamente, porém, apoiado na revolução biológica, segundo a qual o código genético transmite-se como uma mensagem na criação do indivíduo e na perpetuação da espécie; assim rejeita o panbiologismo e o pan-antropologismo. Ao descobrir na cibernética não uma redução simplista a esquemas mecanicistas, mas uma introdução à complexidade, defende a interdisciplinaridade capaz de conduzir a uma teoria total. Esta deverá desvencilhar-se de suas limitações para conceber como seu objeto a *physis*. Para isso é preciso nascer uma nova concepção de ciência, onde haja perfeita articulação entre física e vida, entropia e neguentropia.

A junção epistemológica trata de recolocar o homem na natureza, da qual foi retirado, quando julgado sobrenatural, não apenas pela religião, mas por todas as demais ciências.

Pode-se dizer que a tese fundamental desta obra magnífica é uma denúncia à má colocação dos problemas científicos da ciência do homem.

A revolução biológica levou à distinção entre máquina artificial e máquina viva, e em conseqüência, à distinção lógica que rege os dois fenômenos. O ser vivo está sujeito a uma lógica de funcionamento de desenvolvimento na qual intervêm a indeterminação, a desordem e o acaso como fatores de organização superior ou de auto-organização. É uma lógica de complexidade ou de hipercomplexidade, que envolve a interação da desordem/ordem, entropia/neguentropia, que aceita no homem o caráter de reorganização permanente pelo fato de se autodestruir sem cessar.

Neste processo o cérebro aparece como o nó górdio da antropologia cuja complexificação se faz na interação com a cultura. Quanto mais desenvolvido, maior sua complexidade; e neste sentido, não se pode separar no homem aspectos racionais dos irracionais, pois é o próprio cérebro organizador que desorganiza pela sua aptidão para a criação subjetiva.

É uma obra que não pode deixar de ser lida. Não se trata de leitura fácil, como se pode depreender da proposta multidimensional, da teoria total, da lógica não-finalista. Tampouco é desesperadora como se poderia pensar à primeira vista,

apesar de introduzir desorganização em um sistema estável. Contém ela própria os princípios de reorganização para a adaptação, se bem que em outro nível.

Morin não pretende que sua teoria responda aos problemas do *E* sobre o homem, mas acredita que ela corresponda às questões que agora se consideram fundamentais.

ELIDA SIGELMANN